

Formação moral e constituição da sociabilidade no Emílio de Rousseau: a educação das paixões

Sophia Calil Breymaier¹
Universidade de São Paulo (USP)
sophia.breymaier@usp.br

Carlota Boto²
Universidade de São Paulo (USP)
reisboto@usp.br

Resumo: Jean-Jacques Rousseau foi um importante filósofo iluminista que se dedicou a pensar não só a sociedade do século XVIII e o modo como viviam os homens, escravos uns dos outros e de suas próprias paixões, mas que também se debruçou a pensar a natureza, a condição humana e a educação. Tendo como base o estudo do Segundo Discurso e do Livro IV do Emílio ou da educação, o presente artigo pretende analisar a possibilidade da formação virtuosa das paixões no pensamento educacional de Rousseau. A metodologia consiste em estudos de bibliografia das obras de do filósofo genebrino e outros especialistas. A hipótese é de que a gênese da sociabilidade e o modelo antropológico apresentados no Segundo Discurso, o escrito político-filosófico, servem como quadro para se pensar, na obra pedagógica, a educação moral do menino Emílio e a constituição de uma sociabilidade agregadora pela educação do amor-próprio para seu lado positivo de maneira conjugada à piedade.

Palavras-chave: Educação moral. Sociabilidade. Paixões. Rousseau.

Moral formation and constitution of sociability in Rousseau's Emile: the education of passions

Abstract: Jean-Jacques Rousseau was an important Enlightenment philosopher who dedicated himself to think not only about 18th century society and the way men lived, slaves of each other and their own passions, but who also dedicated himself to think about nature, human condition and education. Based on the study of the Second Discourse and the Book IV of Emile, or on education, this article intends to analyze the possibility of the virtuous formation of passions in Rousseau's educational thought. The methodology consists of bibliographical studies of the works of the genevan philosopher Rousseau and other specialists. The hypothesis is that the genesis of sociability and the anthropological model presented in the Second Discourse, the political-philosophical writing, serve as a framework for thinking, in the pedagogical work, about the moral education of the boy Emile and the constitution of an aggregating sociability through the education of amour-propre for its positive side in a way combined with piety.

Keywords: Moral education. Sociability. Passions. Rousseau.

Introdução

¹ Graduada em pedagogia. Mestranda em Educação pela FEUSP. <http://lattes.cnpq.br/5553662796961105> . <https://orcid.org/0000-0001-8431-7491>.

² Professora Doutora Titular da FEUSP. <http://lattes.cnpq.br/2170526237232776>. <https://orcid.org/0000-0002-7389-2391>.

Jean-Jacques Rousseau foi um importante filósofo iluminista que se dedicou a pensar não só a sociedade do século XVIII e o modo como viviam os homens, escravos uns dos outros e de suas próprias paixões, mas que também se debruçou a pensar a natureza, a condição humana e a educação. No *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens (1973b)*, também chamado de *Segundo Discurso*, publicado em 1755, constata que o homem natural vive livremente em um estado de natureza caracterizado pela igualdade. Além disso, constata que ao invés da razão, a faculdade distintiva e definidora do homem em relação à natureza seria a vontade humana, ou seja, a capacidade de se tornar um agente livre escolhendo como agir diante das circunstâncias.

A primeira paixão do homem ainda no estado de natureza, da qual todas as outras decorrem e que orienta sua vontade, é o amor-de-si, sentimento relacionado à autoconservação e às necessidades naturais, sem qualquer caráter moral, dado que neste estado o homem vive de maneira solitária, não havendo relações com outros homens e objetos morais, nem conhecimento do bem e do mal. Soma-se à essa paixão original a piedade, uma sensibilidade que permite ao homem a expansão para fora de si mesmo e a identificação com o outro sofredor. De início com os animais e depois com outros homens, quando as circunstâncias não mais permitiram que ele bastasse a si mesmo.

Assim, quando suas forças não são mais suficientes para satisfazer suas necessidades físicas, começa a perceber as vantagens de estabelecer relações com outros homens, reconhecendo-se enquanto membro da espécie humana e dando início ao processo de desnaturação rumo à passagem da natureza à sociedade, que em parte é possibilitado devido à capacidade do homem de aperfeiçoar-se e que Rousseau chama de perfectibilidade.

Assumindo essa “aptidão ao sofrimento”, reconhecendo-se como parte de um meio, doravante considerado natural, cada indivíduo humano estabelece relações entre si mesmo e outros seres e se torna parte de uma rede de identidades e diferenças. Perderam-se a ingenuidade e a brutalidade do estado de natureza; o homem está pronto para se perder de si mesmo (Pimenta, 2014, p. 2).

Afetado pela piedade, pela comiseração ao sofrimento alheio, o homem desenvolve uma certa forma de sociabilidade para poder sobreviver e continuar a satisfazer-se, gradativamente, caminhando em direção a um estado civil. Este, por sua vez, é para Rousseau um estado no qual a vontade passa a ser orientada pelo amor-próprio interessado, sentimento relativo que permite a comparação e a preferência por si mesmo, um desdobramento do amor-de-si no meio social, relacionado a necessidades artificiais. A maneira como o amor-próprio se desenvolve na história conjectural da espécie humana do *Segundo Discurso* abriu caminho para o desabrochar de sentimentos como a inveja, a cobiça, o ciúmes. Por conseguinte, o desenvolvimento de uma sociabilidade desagregadora, concorrendo para a corrupção moral dos homens e das instituições políticas e para a constatação da tese de que as desigualdades morais e políticas são produzidas nas relações sociais.

No estado civil, no meio social, o homem já é capaz de distinguir o bem do mal. Está posto, dessa forma, um problema ético devendo o homem partir do amor-de-si mesmo para desenvolver o amor pelo outro de maneira a produzir uma sociabilidade agregadora. Tal desfecho, no entanto, é explorado mais tarde por Rousseau no *Emílio ou da educação* (1979), também chamado apenas de *Emílio*, obra que constitui uma outra experiência do pensamento. Nela o aprendizado da ética para formar um homem livre, bom para si mesmo e para os outros, na educação moral do menino Emílio, se dará pela dimensão dos sentimentos, pela conjugação do amor-próprio com a piedade, uma vez que no pensamento de Rousseau “é pelo sentimento que as categorias morais podem ser desenvolvidas” (Silva, 2007, p. 50).

Tendo como referência o homem no estado de natureza para pensar a criança e a partir do estudo sistemático sobre sua condição, Rousseau para além de inovar a concepção que se tinha da infância no século XVIII, confronta, de acordo com Dalbosco (2018), as distorções humanas e sociais dadas pelo aspecto destrutivo do amor-próprio com a teoria da educabilidade dessa paixão para seu lado virtuoso. Assim como o homem natural, a criança dotada de perfectibilidade teria a capacidade de impulsionar suas disposições nas mais diversas direções, seu destino seria, portanto, incerto pois a perfectibilidade “(...) caracteriza o aspecto indeterminado do ser humano: além de não nascer pré-determinado, não há garantia de qual direção irá se realizar-se” (Dalbosco, 2018, p. 4), mas é essa disposição humana, que torna a alma do homem maleável, que possibilita seu direcionamento e aperfeiçoamento.

Assim, no momento certo, que se inicia com a puberdade descrita no Livro IV da obra pedagógica, a educação moral de Emílio, ou seja, sua formação para a liberdade e para amar e escolher o bem, é possibilitada pela educação do amor-próprio e a possibilidade de impulsionar a alma de Emílio em outra direção que não seja a dos vícios e do erro, mas sim para a virtude.

Enquanto nos três livros iniciais tinha-se a preocupação com a sobrevivência da criança, suas necessidades materiais e seu bem-estar físico, no Livro IV as relações morais, com outras pessoas, passam a ser incluídas na sua educação bem como suas necessidades afetivas. Ao passo que antes o amor-próprio e a consciência do sexo permanecia adormecida, quando a criança começa a estabelecer relações com os objetos morais e outros homens, o que é necessário para que ela aprenda a viver em sociedade, é que o amor-de-si se modifica em amor-próprio e o jovem passa a se ver relativamente aos outros. É o momento em que as paixões que derivam dele podem vir a ser virtuosas ou destrutivas.

Tendo como base o estudo do *Segundo Discurso* e do Livro IV do *Emílio ou da Educação*, o presente artigo pretende analisar a possibilidade da formação virtuosa das paixões no pensamento educacional de Rousseau. A metodologia consiste em estudos de bibliografia das obras de do filósofo genebrino e outros especialistas. A hipótese é de que a gênese da sociabilidade e o modelo

antropológico apresentados no *Segundo Discurso*, o escrito político-filosófico, servem como quadro para se pensar, na obra pedagógica, a educação moral do menino Emílio e a constituição de uma sociabilidade agregadora pela educação do amor-próprio para seu lado positivo de maneira conjugada à piedade.

A sociabilidade no *Segundo Discurso* e no *Emílio*

A crítica de Rousseau à modernidade que tem início no *Primeiro Discurso* - o *Discurso sobre as ciências e as artes* (1973a) - e perpassa o *Segundo Discurso*, é associada a uma teoria da história, que como nos diz Maria das Graças de Souza (2006), não é reconfortante ao articulá-la com o declínio, ou seja, ao trazer uma visão negativa do progresso que culmina no despotismo, na desigualdade e na depravação moral do homem. A concepção de história, que nesses dois textos alinha-se a um modelo de tempo linear marcado pela degeneração, tem como ponto de partida um estado de rusticidade e simplicidade - um estado natural e de liberdade original - e como ponto de chegada um estado de civilização onde os homens encontram-se em dependência e servidão. O antes e depois na trajetória da história dos homens, à medida que avançam as ciências e as artes, “(...) correspondem respectivamente a um estado de virtude e perfeição nos inícios e uma condição de corrupção ao final do trajeto” (Souza, 2006, p. 250).

Neste sentido, a trajetória da história hipotética do homem do *Segundo Discurso* é a do declínio, da perdição, desde a perfeição original e natural à degeneração progressiva propiciada pela perfectibilidade humana que engendra o processo de desnaturação. Embora tal concepção de história linear, como queda do homem, já esteja contida no *Primeiro Discurso*, será no *Segundo Discurso* que assume melhor definição na medida em que Rousseau nos fornece as condições e circunstâncias que teriam agido no curso do tempo e em uma ordem necessária de deformações e de momentos críticos que deram cabo as transformações lentas, porém irreversíveis, da alma humana, como a instituição da propriedade privada e dos governos.

A perfectibilidade que diferencia os homens dos animais, possibilita que o homem diante das circunstâncias desfavoráveis como a concorrência com outros animais ou diante de desastres naturais, supere a si mesmo tendo em vista sua sobrevivência. Aprende a dominar a natureza, a utilizar ferramentas, a pescar e a caçar, passando a disputar a sobrevivência com outros homens até que percebe as vantagens da união de suas forças e do compromisso mútuo. Deixam de viver isolados, formando grupos que antecedem a família, em formas de habitações anteriores à propriedade privada. Assim, engendram-se também os progressos dos sentimentos que darão origem não só ao amor conjugal e paternal, mas também à preferência por si mesmo - à estima e desejo por reconhecimento - e também à divisão do trabalho, que torna mais fácil a subsistência, mas que, contudo, estabelece

uma relação de dependência. Dessa maneira, "À medida que as ideias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração entram em atividade, o gênero humano continua a domesticar-se, as ligações se estendem e os laços se apertam" (Rousseau, 1973b, p. 269).

Por conta da perfectibilidade e dos progressos que ela engendra, o homem, por um lado, desenvolve novas faculdades e experimenta novos sentimentos, de outro perde a força de seu corpo e de sua alma, assim como sua independência e liberdade natural. Há portanto, como explica Souza (2006) uma duplicidade nefasta no progresso, no aperfeiçoamento dado a cabo pela perfectibilidade e que remete à concepção da história como queda do homem ou do tempo como devorador da alma humana, antes perfeita.

Tal como a estátua de Glauco que o tempo, o mar e as tempestades haviam desfigurado tanto que se parecia menos com um deus do que com um animal feroz, a alma humana, alterada no seio da sociedade por mil causas incessantemente renascentes, pela aquisição de um grande número de conhecimentos e de erros pelas mudanças ocorridas à constituição dos corpos pelo choque contínuo das paixões, mudou, por assim dizer de aparência a ponto de ficar quase irreconhecível (...) (Rousseau, 1973b, p. 231).

Da mesma forma como a estátua de Glauco se deteriora com o tempo tornando-se irreconhecível, também a alma humana declina a ponto de ficar desfigurada. A ideia do tempo como devorador e da história humana como queda está de acordo com a aceção da palavra "declínio" no século XVIII, que de acordo com Souza (2001), tinha como referência as metáforas tiradas da natureza como as mudanças de estações, mas também a aceção no vocabulário da medicina que compreendia as mudanças como declínio associado à degeneração provocada por doenças ou pelo envelhecimento que é irreversível mas pode ser evitado ou prolongado.

Para Rousseau (1979, p.11), assim como escreve no início do primeiro livro do *Emílio*, "Tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem". Porém, esse processo degenerativo, apesar de irreversível quando iniciado, pode ser postergado. Tal mecanismo se dará no *Emílio* pelo desaceleramento do desabrochar das paixões, da consciência do sexo e da razão pela educação natural nos livros iniciais da obra pedagógica, ou seja, pela prevenção dos vícios ou como diria Dalbosco (2014), por uma teoria negativa da virtude que serve como uma propedeutica para a teoria positiva da virtude no Livro IV, a educação moral. A primeira etapa da educação é negativa, pois consiste em evitar os vícios pelo desabrochar do amor-próprio preparando o terreno para a educação moral. Essa, que é a segunda etapa, é positiva e consiste na educação do amor-próprio à medida que entra na constituição do jovem *Emílio*, direcionando-o à virtude.

Na tradição médica, segundo Souza (2006), há também uma noção de tempo como ocasião oportuna em que a terapêutica é adaptada à situação particular de cada indivíduo e suas circunstâncias, ou seja, à condição do indivíduo, que como vimos anteriormente, diz respeito ao ser e suas relações

com o meio. Essa concepção de tempo como ocasião propícia nos ajuda a compreender a possibilidade da ação pedagógica no pensamento de Rousseau. De acordo com Souza (2006) a tradição médica hipocrática no século XVIII compreendia a saúde como um estado de equilíbrio entre os humores enquanto que a doença corresponderia a um desequilíbrio, quando há uma preponderância de algum deles. Neste sentido cabia ao médico agir de maneira a retomar o equilíbrio dos humores a partir de um diagnóstico que envolvia o conhecimento e a interpretação de uma série de dados da condição humana, do meio, dos hábitos e comportamentos de seu paciente.

Somente pela observação e interpretação desses dados é que o médico podia ter uma imagem precisa do quadro da doença no seu paciente e indentificar os momentos fugazes e propícios para sua ação, para sua intervenção médica e “(...) o ponto de vista de medicina hipocrática, não há dose universal, não há remédio absoluto” (Souza, 2006, p. 251). A compreensão da ocasião oportuna a partir da medicina nos ajuda a compreender a ação pedagógica do preceptor na educação do menino Emílio, que deve bem observar a constituição de seu aluno para saber intervir nos momentos propícios com os remédios adequados.

A educação no pensamento de Rousseau, tem em vista, dessa maneira, o desenvolvimento saudável da criança e de seu entorno, ou seja, de sua constituição e interação com o meio, envolve também as relações sociais. Contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento saudável e potável da sociabilidade diferente do que ocorre no *Segundo Discurso*. Logo, o preceptor, como um médico, deve ser capaz de intervir e remediar a doença freando o avanço do lado corruptivo do amor-próprio. Assim, para traçar um prognóstico e um tratamento é fundamental a observação do dado empírico, que é o menino Emílio, bem como conhecimento e a observação de sua natureza, que tem como referência o modelo do homem natural.

Segundo nascimento: o despertar do amor-próprio

Logo no início do Livro IV Rousseau (1979, p. 173) escreve, "Nascemos, por assim dizer, em duas vezes: uma para existirmos, outra para vivermos; uma para a espécie, outra para o sexo". É o momento quando Emílio, agora com 15 anos, entra na puberdade, essa nova etapa de seus progressos retratada como o “Segundo Nascimento”, para o sexo, para viver. E “(...)essa tormentosa revolução se anuncia pelo murmúrio das paixões nascentes; uma fermentação surda adverte da aproximação do perigo” (Rousseau, 1979, p. 173). Os perigos que se aproximam são as paixões nascentes ligadas ao desejo sexual e à consciência de seu sexo e de si mesmo, que agitam seu espírito, sua imaginação e levam o jovem a exaltações.

No entanto, “Longe de ser um obstáculo à educação, esse ardor do adolescente a realiza e termina” (Rousseau, 1979, p. 193), pois será pelas próprias paixões que o preceptor será capaz de

dirigir os movimentos do coração colocando-o em situações controladas, as cenas pedagógicas, de maneira a favorecer o desabrochar de uma boa sociabilidade

Esse momento de revolução marca a entrada de Emílio na ordem moral. Enquanto nos três primeiros livros da obra pedagógica a preocupação da educação voltava-se para a sobrevivência da criança, para suas necessidades materiais e seu bem-estar físico, no Livro IV as relações com os objetos morais. A partir dessas relações com os homens, do ponto de vista das paixões, este é um momento crítico, pois elas podem dominar Emílio levando-o por um caminho desvirtuado dando origem a uma sociabilidade fadada a corrupção moral ou podem levá-lo por um caminho que ajuda o jovem a estabelecer as bases férteis para uma boa sociabilidade. Qual desses diferentes caminhos Emílio irá percorrer, vai depender, em certa medida, da maneira como o educador direciona seu aluno fazendo intervenções nos momentos oportunos.

O desejo sexual que desperta nessa etapa da vida do jovem, a curiosidade e as afeições direcionadas ao outro podem levá-lo, portanto, a um quadro patológico, fazendo com que ele em determinadas condições utilize-se da imaginação e faça comparações que favoreçam os sentimentos de preferência e os aspectos destrutivos das paixões como o desenvolvimento de sentimentos maldosos (inveja, superioridade, ciúmes, vaidade). Quadro que nos remete ao que aconteceu no *Segundo Discurso*, quando o homem natural começa a estabelecer relações com os outros e o seu sentimento original passa a modificar-se no amor-próprio orientado pela estima pública. Neste momento a piedade é afetada e abafada pela transformação do amor-de-si em seu sentimento relativo, abrindo “caminho para sentimentos maldosos e odientos das paixões humanas, canalizadas, racionalmente, pelo amor-próprio” (Dalbosco, 2011, p. 38).

Meu Emílio, não tendo até agora olhado senão para si mesmo, o primeiro olhar que deita em seus semelhantes leva-o a comparar-se com eles; e o primeiro sentimento que essa comparação excita nele é o de desejar o primeiro lugar. Eis o momento em que o amor se transforma em amor-próprio e em que começam a nascer todas as paixões que se prendem a esta. Mas para afirmar se as paixões que dominam em seu caráter serão humanas e doces, ou cruéis e perniciosas, se serão paixões de benevolência e de comiseração, ou de inveja e de ambição, é preciso saber em que lugar ele se sentirá entre os homens e que tipos de obstáculos ele poderá pensar que terá de vencer para chegar ao lugar que deseja ocupar (Rousseau, 1979, p. 195-196).

O amor-próprio possibilita uma operação de comparação e preferência por si mesmo. O homem quando lançou a primeira vez o olhar sobre o outro e esse sentimento entrou, assim, na sua constituição, passou a fazer comparações como de alto e baixo, pequeno e grande, mas essas comparações logo passam a se orientar pela opinião pública tornando-se de outro tipo: o outro é mais bonito, tem um corpo melhor ou dança melhor. Uma vez que prefere a si mesmo, ele quer ser superior. Por isso que, a partir dessas relações, os sentimentos produzidos foram os de inveja, vaidade, etc.

É importante notar que, para compreender a obra *Emílio* é preciso ter em mente o quadro antropológico do *Segundo Discurso*, pois há uma mesma base sobre a constituição humana que conecta esses dois escritos. Rousseau relaciona a criança ao homem natural - caracterizados pelo amor-de-si - e o adulto ao homem civil - caracterizados pelo amor-próprio. Então, para que o educador não cometa erros e faça intervenções adequadas em cada etapa do desenvolvimento de Emílio, ele precisa considerar a ordem das coisas, ou seja, que a infância tem seu lugar e suas especificidades diferentes da vida adulta. Determinando seu lugar, “(...) ordenar as paixões humanas segundo a constituição do homem é tudo o que podemos fazer para seu bem-estar” (Rousseau, 1979, p. 50).

Mas neste momento da puberdade, em que Emílio “(...) não é nem criança nem homem (...)” (Rousseau, 1979, p. 173), qual seria o seu lugar? Sua constituição não é a mesma da criança, também não é adulto. Está justamente neste momento de revolução, de crise, em que o amor-de-si transforma-se em amor-próprio. Quando esse novo composto entra na constituição de Emílio, e que nos remete a passagem da natureza para a ordem civil com seu desfecho negativo, visto no *Segundo Discurso*. Se a puberdade coincide com esse momento de transição, que é perigoso, pois levou à corrupção do homem e ao esfacelamento do liame social, no *Emílio* o educador, procurando manter o bem-estar do jovem e mantê-lo no seu lugar, que é o da tranquilidade das paixões, irá ordená-las tendo em vista uma passagem saudável do amor-de-si ao amor-próprio.

Diferente do que se vê no quadro do *Segundo Discurso*, o amor-próprio pelo seu lado destrutivo, no *Emílio* esse mesmo sentimento quando entra em ação na constituição do jovem, será tratado de maneira a ser direcionado para seu lado positivo, virtuoso e agregador. De acordo com Thiago Vargas (2019), as paixões serão direcionadas de acordo com a exposição premeditada a objetos, espetáculos, fenômenos e relações específicas orientadas ao jovem. Neste sentido o preceptor deverá orientar a imaginação do jovem a determinadas situações que favoreçam a construção do universo da moralidade expondo ao “(...) jovem objetos em um tempo adequado, de modo que sua imaginação seja estimulada no momento propício e seja dirigida, finalmente, para aquilo que o ajude a produzir paixões doces e afetuosas” (Vargas, 2019, p. 123) nutrindo, dessa maneira, a sensibilidade nascente para sua inclinação natural e que será de suma importância para a formação dos juízos morais.

Dessa forma, “(...) no livro IV, o educador, à maneira de um médico hipocrático, intervém na história natural do amor-próprio recorrendo a remédios educativos” (Kawauche, 2019, p. 329) para corrigir os desordenamentos dos sistemas das paixões. Essas intervenções serão as cenas pedagógicas, como as cenas de sofrimento e a amizade. Recursos que, se utilizados na dosagem certa e no momento adequado, regulam as paixões, moderam o amor-próprio e contribuem para uma modificação saudável do amor-de-si no seu sentimento relativo. O remédio serão as próprias paixões, o amor-

próprio conjugado à piedade, já que “(...) é sempre da própria natureza que é preciso tirar os instrumentos suscetíveis de regrá-la” (Rousseau, 1979, p. 280). O amor-próprio, tendo um lado nocivo e outro agregador - sendo ambivalente - seria esse mal necessário, cujos efeitos poderiam ser moderados, amenizados pelos recursos educacionais e também terapêuticos.

Ordenamento das paixões na constituição do Emílio

Para Rousseau (1979, p. 174), as “(...) paixões são os principais instrumentos de nossa conservação(...)”. Não se trata, então, de impedir as paixões ou combatê-las, pois isso seria querer “controlar a natureza”, “reformatar a obra de Deus” (Rousseau 1979, p. 178). O que propõe é fazer uso delas nessa arte de ordená-las na constituição de Emílio. Enquanto a todo momento ele é empurrado para fora da ordem, para o desenvolvimento das paixões nocivas, a tarefa do educador é direcioná-lo de volta para o lugar no qual sinta as verdadeiras relações do homem. Ele propõe, assim, na educação moral do Livro IV, um método diferente daquele da educação natural e seus princípios se resumem neste trecho: “Eis portanto o sumário de toda a sabedoria humana no emprego das paixões: 1.º sentir as verdadeiras relações do homem tanto na espécie como no indivíduo; 2.º ordenar todas as afeições da alma segundo essas relações” (Rousseau, 1979, p. 181).

Há, portanto, um aspecto empírico neste método do uso das paixões, assim como em toda sua teoria pedagógica, uma vez que o educador ao invés de investigar suas origens, “(...) deve fazer bom uso delas ou, ainda, buscar sua utilidade de um ponto de vista prático, considerando-as como aparecem na experiência (...)” (Kawauche, 2021, p. 168). Por isso mesmo o educador precisa saber observar bem seu aluno, além de conhecer os movimentos próprios da natureza para poder saber quando e como intervir de acordo com cada situação, de modo a ordenar suas afeições. Fazer bom uso das paixões empregando-as de maneira proveitosa é ordená-las segundo as verdadeiras relações do homem, que são aquelas que produzem sentimentos benéficos e agregadores, bases para uma sociabilidade potável. Essa ordenação acontece quando Emílio sente as verdadeiras relações nas comparações com os outros e não pelo uso da razão, é pela sua sensibilidade.

Como vimos, as comparações são operações do amor-próprio, que permitem ao homem, pela imaginação, sair de si em direção ao outro. Possibilita uma relativização do eu no outro. Se essas comparações serão perigosas, dependerá do lugar que Emílio sente estar entre os homens, dependerá das circunstâncias em que o jovem se encontra. Para evitar os perigos dessa paixão, o educador deve se utilizar da expansão do eu em direção ao outro em situações condicionadas e controladas, para produzir nele sentimentos como generosidade, clemência, compaixão e sentir, desse modo, as verdadeiras relações.

Mas será o homem senhor de ordenar suas afeições segundo tais ou quais relações? Sem dúvida ele é senhor de dirigir sua imaginação para tal ou qual objeto, ou de lhe dar tal ou mal

hábito. De resto, trata-se menos aqui do que um homem pode fazer sobre si mesmo que do que nós podemos fazer com nosso aluno pela escolha das circunstâncias em que o colocamos. Expor os meios indicados para mantê-lo dentro da ordem da natureza já é dizer como ele pode sair dela (Rousseau, 1979, p. 181).

Assim, quando as paixões nascem, manter Emílio dentro da ordem vai depender do direcionamento do educador, das condições em que ele coloca o jovem e os meios que serão utilizados. Os meios para intervir serão os espetáculos que, como escreve Thomaz (2021), impressionam o jovem, imprimem algo em seu espírito mudando a configuração de seus afetos. Emílio se depara, por exemplo, com espetáculos de sofrimento e horror que sensibilizam e chocam seu espírito. Outros recursos utilizados pelo educador para mantê-lo dentro da ordem serão a amizade, o ensino de história e por fim, a intervenção mais forte, ou como diria Thomaz Kawauche (2021), o remédio mais forte será a *Profissão de Fé do Vigário Saboiano*, quando Rousseau se utiliza do espetáculo da natureza para provar a existência de Deus, como primeira lição verbal e exercício da razão, ordenando a razão junto às paixões ao final do Livro IV.

É sobre o recurso ao sofrimento e à amizade que trataremos neste artigo, como forma de comover Emílio conjugando a piedade e o amor-próprio em situações que favoreçam a produção das paixões virtuosas e que propiciam as bases para uma sociabilidade agregadora, mantendo o jovem dentro da ordem.

Piedade e a produção de sentimentos virtuosos

Aos dezesseis anos o adolescente sabe o que é sofrer, porque ele próprio já sofreu; mal sabe porém que outros seres também sofrem; vê-lo sem o sentir não é sabê-lo e, como já o disse cem vezes, a criança, não imaginando o que sentem os outros, só conhece seus próprios males: mas quando o primeiro desenvolvimento dos sentidos acende nele o fogo da imaginação, ele começa a sentir-se em seus semelhantes, a comover-se com suas queixas, a sofrer com suas dores. É então que o triste quadro da humanidade sofredora deve levar a seu coração a primeira ternura que tenha experimentado (Rousseau, 1979, p. 183).

Antes de poder tornar-se sensível ao sofrimento alheio, Emílio precisa saber o que é sofrer. Para Rousseau ele não deve ser poupado das dores na infância para poder ser capaz de se comover pelas dores de seus semelhantes, pois essa compreensão se dá pela sensibilidade e não pela razão. É também uma compreensão que opera através da piedade, que como diz Rousseau (1979, p. 184), é "(...) o primeiro sentimento relativo que toca o coração humano dentro da ordem da natureza". É a primeira paixão que, de acordo com Vargas (2019), integra o ser semelhante no mundo consciente e na percepção do jovem.

A piedade é a capacidade de transportar-se para fora de si por meio da imaginação, colocar-se no lugar do outro que sofre e sentir repugnância em vê-lo sofrer, na medida em que se identifica com ele e imagina poder sofrer das mesmas penas. É a comparação que introduz o jovem na moralidade e "(...) a piedade será a paixão que ordenará bem as relações às quais Emílio será

submetido” (Vargas, 2019, p. 125). Nessa etapa, ele deve ser afastado daquelas situações que possam favorecer o desabrochar do amor-próprio antes que tenha desenvolvido a piedade. E para impedir que nasçam as paixões repugnantes Emílio deverá ser

(...) exposto a objetos adequados (que, neste momento, podem ser resumidos em objetos do campo da miséria ou da dor) capazes de suscitar os efeitos desejados pelo educador, ou seja, é preciso direcionar a imaginação para os objetos convenientes a fim de engendrar paixões atraentes e doces. Assim, será abafado o surgimento de uma sensibilidade negativa e, de uma só vez, provocado o florescimento da sensibilidade positiva (Vargas, 2019, p. 125).

Rousseau estabelece algumas máximas sobre a piedade. A primeira é de que “Não é do coração humano pôr-se no lugar das pessoas que são mais felizes do que nós, mas tão somente das que são mais dignas de pena” (Rousseau, 1979, p. 185). Logo, para suscitar e alimentar no jovem a sensibilidade pela piedade não se pode mostrar primeiro a pompa das cortes, o fausto dos palácios, a sedução dos espetáculos, das assembleias. “Mostrar-lhe o mundo antes que conheça os homens, não é formá-lo, é corrompê-lo; não é instruí-lo, é enganá-lo” (Rousseau, 1979, p. 183). Educar Emílio nessa ordem é fazer germinar nele orgulho, vaidade, inveja da suposta felicidade dos homens. É preciso antes mostrar o coração dos homens, mostrá-los pelas penas que lhes são comuns, pelas misérias, pois os homens não são naturalmente reis, grandes, ricos mas “(...) todos nascem nus e pobres, todos sujeitos às misérias da vida, às tristezas, aos males, as necessidades, as dores de toda espécie (...)” (Rousseau, 1979, p. 183). É pela exposição às misérias comuns, pela via do sofrimento, que se faz germinar bons sentimentos. É a fraqueza do homem que o torna sociável, no sentido de uma boa sociabilidade, “(...) são nossas misérias comuns que incitam nossos corações à humanidade” (Rousseau, 1979, p. 182).

Neste processo a piedade é, portanto, fundamental. Ela possibilita que diante do ser digno de pena o jovem Emílio saia de si mesmo colocando-se no lugar do outro e identificando-se com seu sofrimento ao imaginar que num futuro poderia estar suscetível às mesmas dores, pois se reconhece no outro semelhante. Ao voltar para si mesmo sua imaginação se assusta com esse quadro das doenças da natureza humana, esse movimento choca seu espírito, abafa sua imaginação, reprimindo sua curiosidade. Reconfigurando, assim, seus afetos e produzindo nele também comiseração e a compaixão pelo ser que sofre, além de um efeito de prazer e bem estar.

“A piedade é doce porque, colocando-nos no lugar de quem sofre, ainda sentimos o prazer de não sofrermos como ele. A inveja é amarga porque o aspecto de um homem feliz, longe de colocar o invejoso no lugar dele, faz com que lamente não estar nesse lugar” (Rousseau, 1979, p. 183). Logo, a depender das situações em que colocamos Emílio, a depender das circunstâncias e das relações que damos para seu amor-próprio fazer, podemos favorecer seu lado piedoso ou invejoso e este último, diferente da piedade, produz infelicidade e miséria por se desejar o que não se pode ter ou imaginar poder ser mais feliz do que se é. A piedade, por outro lado, produz prazer e desejo de bem-estar,

Emílio sente-se feliz por não estar na condição de quem sofre e que lhe causa repugnância. Portanto, segundo Thomaz Kawauche (2021), o outro deve ser mostrado em situação miserável para que ao invés de produzir sentimentos de desprezo, a espetacularização do sofrimento atue como uma cena pedagógica com a função de moderar o amor-próprio.

Portanto, de acordo com Rousseau, para levar o homem à humanidade, é preciso mostrar a sorte dos outros pelo seu lado triste acionando a piedade e a possibilidade de identificação, de reconhecimento pelas misérias em comum. No entanto, o mecanismo do espetáculo, a exposição ao sofrimento, não podem ser exageradas, pois isso só contribuiria para tornar Emílio insensível por efeito do hábito, ao invés de comovê-lo. O educador deve, dessa maneira, buscar sempre a moderação em oposição aos excessos. Para enfim, como diz Rousseau, acessar o coração do jovem “(...) a fim de nele excitar os primeiros movimentos da natureza , desenvolvê-lo e estendê-lo sobre seus semelhantes” (Rousseau, 1979, p. 187).

O primeiro sentimento de que é suscetível um jovem cuidadosamente educado não é o amor, é a amizade. O primeiro ato de sua imaginação nascente é ensinar-lhe que tem semelhantes, e a espécie afeta-o antes do sexo. Eis portanto mais uma vantagem da inocência prolongada: a de aproveitar-se da sensibilidade nascente para jogar no coração do adolescente as primeiras sementes da humanidade. Vantagem tanto mais preciosa quanto é o único momento da vida em que os mesmos cuidados podem ter um êxito real (Rousseau, 1979, p. 182).

Tendo educado Emílio até aqui mantendo-o dentro da ordem, ou seja, regulando a maneira como o amor-próprio se desenvolve buscando despertar seu lado virtuoso pela piedade no jogo das cenas de sofrimento e fazendo com que Emílio aprenda, dessa forma, que tem semelhantes, as relações que ele tenderá a desenvolver serão de amizade antes das de amor. As relações de amizade para Rousseau são relações entre pessoas que se reconhecem em suas misérias, em suas fraquezas e é essa fraqueza, ou o reconhecimento da miséria comum, que torna o homem sociável. Então, são relações que ao invés de produzir paixões destrutivas como inveja, produzem bons sentimentos, pois ao se reconhecerem no que lhes é comum e enquanto semelhantes - operação possibilitada pela piedade - se reconhecem também enquanto iguais.

De acordo com Dalbosco (2014), o conceito do amor-próprio serve tanto para fundamentar a crítica à sociedade e à cultura quanto como base para sua teoria do reconhecimento, que assume variante dupla: uma negativa que trata-se da busca pelo reconhecimento e estima pública tomando o outro como ser inferior, ou a si mesmo como superior, e portanto, alimentando, como vimos sentimentos repugnantes e negativos. E uma variante positiva, a qual busca-se com o projeto educacional no *Emílio*, que trata-se de fomentar o desejo de reciprocidade entre iguais e uma sensibilidade agregadora, ampliando o amor-próprio em direção à virtude. Essa ampliação à virtude passa, necessariamente, pelo reconhecimento recíproco entre iguais, o qual é por sua vez fomentado pelas situações controladas nas quais Emílio é colocado, fazendo com que desenvolva a piedade e a

identificação com o outro semelhante através da exposição às misérias em comum. Dessa forma, expondo “(...) ao seu aluno fictício a importância da dependência recíproca, Rousseau queria evitar que seu amor-próprio fosse infectado pelo vírus da soberba e do desejo de superioridade (vontade de dominação)” (Dalbosco, 2014, p. 805).

Segundo Dalbosco (2014), a dependência recíproca e o respeito entre iguais, portanto, é central para a educação do amor-próprio. Neste sentido, sendo as relações de amizade caracterizadas como vimos pela isonomia e pelo reconhecimento enquanto iguais, são relações que favorecem uma “(...) satisfação positiva do amor-próprio e a realização pessoal do sujeito (...)” (Dalbosco, 2014, p. 805). Portanto, como as relações de amizade se dão sob essa condição de igualdade, segundo as verdadeiras relações do homem, são relações que favorecem a ordenação da constituição saudável e equilibrada de Emílio. Por isso mesmo, serão utilizadas também como recurso na educação das paixões. Segundo Thomaz (2021, p. 161) são “(...) os acordos necessariamente equânimes entre os amigos que zelam pela estima recíproca que darão ao jovem as primeiras noções de justiça”.

A extensão, portanto, do amor-próprio - que pode ser também construtivo para a formação da sociabilidade - a outros homens, pode transformá-lo em virtude, significando, de acordo com Dalbosco (2015, p. 153), não somente uma capacidade de olhar o mundo sob o ponto de vista do outro, mas também a “(...) aceitação ética de que a formação de seu eu autêntico, de seu si mesmo (Self/Selbst), depende do reconhecimento do outro”. Diferente do lado negativo dessa paixão que leva o homem a ordenar o mundo em relação a si mesmo, sob um ponto de vista egoísta e individualista. Somente em uma relação entre iguais, como na amizade, onde há respeito e igualdade, é que o amor-próprio pode se tornar fonte de humanidade e justiça.

Considerações Finais

O amor-próprio, além de um fato na história natural dos progressos do homem no *Segundo Discurso*, também o é no da criança, ou seja, ele é inevitável e em ambas as histórias. E essa paixão assim como a estima é necessária para o desenvolvimento da sociabilidade. De acordo com Dalbosco (2015, p. 152), “(...) o sentido da vida humana só pode ser construído em espaços sociais e institucionais, não podendo haver ação significativa, com sentido, fora da sociedade”. A satisfação do homem enquanto ser social só é alcançada pelo reconhecimento.

Compreende-se, portanto, que o amor-próprio é ambivalente, ambíguo, tendo vantagens e desvantagens, na medida em que pode levar a laços sociais potáveis e agregadores ou destrutivos; fomentar paixões moderadas e virtuosas ou paixões negativas. Ambiguidade que se dá por conta da perfectibilidade, a capacidade característica do homem, que possibilita impulsionar o

desenvolvimento de suas disposições em diferentes direções e que, neste sentido, permite a educação do amor-próprio para a virtude.

Enquanto no *Segundo Discurso* sobressai, o lado negativo do amor-próprio e de uma sociabilidade que desponta de relações entre os indivíduos escravizados pelo desejo de superioridade, marcando o que seria a história da doença e dos vícios, no *Emílio*, o educador procurando manter a constituição saudável e moderada da criança, dará um tratamento a essa doença.

Na história hipotética do *Segundo Discurso* temos uma série de circunstâncias contingentes, de ocasiões oportunas e nefastas, que levaram ao esfacelamento do liame social, mas é importante notar que a ocasião propícia também é uma possibilidade na teoria de Rousseau e fica clara na obra *Emílio ou da Educação*. Expressa no seu conceito de perfectibilidade, vemos ao longo do crescimento da criança a “(...) possibilita a educabilidade do aspecto destrutivo do amor-próprio” (Dalbosco, 2018, p. 3) para seu lado virtuoso, pois a transição da bondade original do amor-de-si para seu sentimento relativo é posta de maneira aberta. A direção de seu desenvolvimento dependerá, em parte, do educador e das relações que ele possibilitará Emílio fazer com seu amor-próprio nascente.

A concepção de tempo como ocasião propícia, nos ajuda portanto, a pensar a possibilidade de ação do preceptor da criança Emílio, tendo em vista sua saúde e o equilíbrio de sua constituição. Como um médico hipocrático cabe ao educador a arte de prevenir e também remediar uma doença que é inevitável na condição humana - o desenvolvimento do amor-próprio interessado, pelo seu lado negativo. Prevenir, pois em um primeiro momento deve na educação natural negativa impedir o avanço da dos vícios. Remediar, pois quando chega o momento em que não se pode mais impedir que o amor-próprio se desenvolva, e quando a introdução de Emílio ao convívio social se faz necessária, chega-se ao tempo oportuno para que, com o auxílio de alguns mecanismos, o remédio para o avanço das paixões malélicas seja ministrado de acordo com cada situação. Entram em jogo as cenas pedagógicas e o bom uso das paixões, como os espetáculos de sofrimento que mobilizam a piedade em conjugação com amor-próprio, para promover a sensibilidade e a identificação com o outro pelas misérias em comum. Brotam os primeiros sentimentos de humanidade.

Fica clara a influência do ramo da ciência médica hipocrática do século XVIII na obra educacional de Rousseau, na medida em que ele pretende traçar no Emílio um prognóstico e um tratamento para uma doença diagnosticada no *Segundo Discurso*. A história conjectural da gênese da sociabilidade será tomada como um quadro clínico de uma doença dos vícios, da degeneração desencadeada por relações não potáveis e saudáveis ocasionadas pelo abafamento da piedade e a distorção do amor-de-si em seu sentimento relativo interessado, ávido por reconhecimento e estima pública.

É importante notar que as duas obras aqui analisadas, *Segundo Discurso* e o *Emílio* consistem em duas experiências de pensamento que acontecem em tempos lógicos e cronológicos diferentes. Tratam de diferentes objetos de estudo, porém são conectadas por uma ciência do homem e um conceito de natureza normativos. A história hipotética do crescimento de Emílio nos mostrará que ele, na verdade, é fruto da história conjectural do *Segundo Discurso*, nasce num tempo histórico no qual homens e instituições já se depravaram, tal como acontece no escrito político-filosófico, e será educado para viver bem e de maneira saudável em qualquer sociedade degenerada e desigual na qual se encontrar. A conexão da obra educacional com a obra política é dar a ver, pela história conjectural de um jovem educado desde seu nascimento sob determinados parâmetros e condições, a possibilidade de formar um ser social e moral, pela formação moral da vontade.

Referências

DALBOSCO, Cláudio Almir. Ambiguidade do amor-próprio e formação virtuosa da vontade. **Educação**, v. 38, n. 1, p. 147-156, jan.-abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2015.1.16335> . Acesso em 10/04/2025.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Condição humana e educabilidade: um problema nuclear das teorias educacionais clássicas. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, 18(48), 2018. p.1-20. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e013>. Acesso em 10/04/2025.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Condição humana e formação virtuosa da vontade: profundezas do reconhecimento em Honneth e Neuhausser. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 799-812, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022014091625>. Acesso em 10/04/2025.

KAWAUCHE, Thomaz. Ordenar as paixões: reconhecimento e sociabilidade no Emílio de Rousseau - segunda parte. **Revista Dialectus**, n.15, p.328-362, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.30611/2019n15id43153>. Acesso em 09/04/2025.

KAWAUCHE, Thomaz. **Educação e Filosofia no Emílio de Rousseau**. São Paulo: Editora Unifesp, 2021.

PIMENTA, Pedro Paulo Garrido. Rousseau, Lévi-Strauss e o fim da filosofia. **Ponto Urbe (USP)**, v. 15, p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2428>. Acesso em 09/04/2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. In: **Os pensadores/Rousseau**. 1.ed. São Paulo: Victor Civita, 1973a. p.329-360.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens. In: **Os pensadores/Rousseau**. 1.ed. São Paulo: Victor Civita, 1973. p. 207-32.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 3.ed. São Paulo: Difel, 1979.

SILVA, Genildo Ferreira da. Moral e Sentimento em J.-J. Rousseau. In: MARQUES, J. O. de A. (Org.). **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Humanitas, 2007, p.47-68.

SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e história**: o pensamento sobre a história no Iluminismo Francês. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

SOUZA, Maria das Graças de. Ocasão propícia, ocasião nefasta: tempo, história e ação política. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 29(2): 249-256, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732006000200017>. Acesso em 10/04/2025.

VARGAS, Thiago. **A piedade no Emílio: solução possível para leitura smithiana do Segundo Discurso?**. Dois Pontos (UFPR) Digital, v. 16, n.1, p. 119-134, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/dp.v16i1.59238>. Acesso em 09/04/2025.

Recebido em: 05/11/2024

Aprovado em: 31/01/2025